

Não é cousa assentada que os nomes em *ão* decorram directamente do suffixo *udinem*: aptidão, *aptitudinem*. Ha exemplos archaicos que parecem antes indicar a preexistencia do suffixo — *atem*. Exemplos: firmidõe (*firmitatem*), limpidão (*limpiditatem*), livridõe (*libertatem*). Houve, pois, confusão na etymologia de taes suffixos: firmeza (*firmitiam*), firmeza (*firmitatem*), firmidõe (*firmitudinem?*) e a etymologia é mais explicavel por analogia do que pelas fórmulas originarias do latim classico.

Accrescentemos ainda que os diminutivos em *inho* e os augmentativos em *ão* são vocabulos que começaram a existir depois das origens da lingua.

Os *qualificativos* em *oso* de typo latino (*laboriosus*), glorioso (*gloriosus*), crearam na lingua a aptidão para a formação de vocabulos novos: *cavalhetoso, amargoso, teimoso, esperançoso, piedoso*, etc.

Os nomes do grego em *ismos*, como *baptismos, solecismos*, serviram de modelo ás creações modernas: *jornalismo, gongorismo, abolicionismo, germanismo, francezismo*, etc.

2. — PRONOMES E DETERMINATIVOS

Os *numeraes* tambem possuem exemplos de formação moderna: de *mil* formaram-se *milhão, bilhão*, etc.; de *oitavo* originaram-se os dizeres: *dozeavos, trintavos*, etc.

Entre os *demonstrativos*: *aquelle*, formado de *ecc' + ille*. O archaico *aquest*, de *ecc' + iste*. Outros opinam que a derivação é *hic-ille, hic-iste*; mas é etymologia pouco provavel, porque no latim vulgar já existia o uso de *eccum* (por *ecce eum*) e d'ahi o reforço *eccu'iste, eccu'ille*.

Entre os indefinidos ha varias creações modernas: *algo* (*aliquis*); *algum, aliqu'unus*; *nenhum, neq'unus*.

Os *quantitativos* *tam-manho* (*tam-magnus*), e *quam-manho*, arch. (*quam-magnus*), não occorrem senão nos ultimos tempos, nos documentos barbaros.

3. — VERBOS

Os verbos do typo latino *icare*, como *julgar* (*judicare*), *vingar* (*vindicare*), deram o exemplo dos neologismos: *madrugar, cavalgar, manejar, dardejar, gracejar, branquejar*, etc.

Os verbos do typo latino inchoativo *ascere, escere, iscere*, forneceram á lingua a tendencia para creações analogicas: *offerere* (offerre), *favorecer, envelhecer, acontecer*, etc.

As fórmãs do particípio presente produziram derivados verbaes: *adormentar, alevantar, apoquentar, apparentar*, etc., de *dormente, levante*, etc.

Os verbos do typo grego *philippitizo*, como *moralizar*, etc., deram a tendencia hoje riquissima das formações: *terrorizar, suavizar, auctorizar, aromatizar, evangelizar, vulgarizar*, etc. Aos verbos já mencionados devem-se ajuntar todos os que se originam de formações modernas: *afrancezar* (ou melhor, *afrancizar*), *italianizar*, etc.

Ha um grupo restricto de verbos derivados de locuções, que são por isso interessantes. Ex.; *apear*, de *a pé*; *acabar*, de *a cabo*; *encimar*, de *em cima*.

Devem-se enumerar as fórmãs de participios regulares, que são modernas: *absolvido*, por *absolto* e *absoluto*; *comprimido*, por *compresso*; *escondido*, por *escuso*; *tingido*, por *tinto*; e são quasi os unicos de uso como participios. Os classicos preferiam a fórmula irregular (*acceito, despezo, assumpto*) nos casos em que hoje empregamos a fórmula regular: *assumido, despendido*, etc. Em Camões, *Soneto 11*

Tanto do bem humano estou *diviso*.

E em Bernardez, *Floresta*, I, 41:

D'estes *illusos* que se alegram com o seu mal,
disse sabiamente Salviano...

E o mesmo disse: *assumpto, acceito, leso, absolto*, etc.

Palavras invariáveis formadas no seio da lingua

As palavras *invariáveis* formadas no dominio historico da nossa lingua representam a juxtaposição corrompida dos varios elementos que a compozeram.

1. O portuguez formou *adverbios* numerosos com a junção de *mente* a adjectivos femininos: *clara+mente*, *docil+mente*, *boa+mente*. Esta faculdade já existia com pequena extensão no latim classico. O composto *bona mente* com valor adverbial encontra-se em Quintiliano. Mas no portuguez e nas linguas romanas o facto tornou-se em habitualismo. Nesses compostos os nomes em *ez* conservam-se invariáveis, como eram outr'ora: "Cuido que escrevi clara e *portuguezmente* a minha idéa". (Camillo.)

2. Os adverbios latinos em *o* do ablativo, como *modo*, deram o typo de formações originaes: vendeu *caro*; falou *baixo*; fala *continuo*, *rijo*. Custou *barato*; anda apressado, etc. Tendo adquirido o adjectivo a aptidão adverbial, tornou-se inutil a derivação mais lata de *fortiter*, *breviter*, etc., que foram substituidas por *breve*, *forte*. Apesar d'isto, parece permaneceu *agiliter* na expressão: *azinha* (depressa), que se explica por uma fôrma hypothetica *agina* (Meyer-Lübke — *Rom. etym. W.* — s. v. *agina*).

Alguns adverbios, na fôrma adjectiva, como *caro*, foram creados pelos classicos, conforme diz Filinto Elysio, para evitar o uso repetido dos adverbios em *mente*. O facto, porém, é que taes adverbios já tinham antiquissimos modelos, como *cedo* (cito), *loco* (loco).

3. Os adverbios em *e* originaram-se de typos latinos em *e*: longe (*longe*), tarde (*tarde*), maxime, bem (*bene*), mal (*male*). Segundo esta tendencia, em nosso idioma apparecem outros adverbios: *a miúdo*, *ascinte* (*a sciente*), etc. Esse typo de adverbios corresponde aos adjectivos latinos de uma e duas fôrmas, como *gravis* e *constans*. Ex.: *bastante*. Para

ascinte não é admissível a etymologia *scienter*. *Sciente*, synonymo do já archaico *ás sabendas*, representa o participio puro de *scire*, saber. *Ascinte*=elle o sabendo, affrontando-o. Precede-o a preposição *a*, como foi uso entre os antigos: *a segundo* (Camões), por *segundo* (*seguinto*). (1) Tambem ficaram moldados sobre o typo da desinencia em *e* os adverbios de origem arabe provavel: em balde, de balde.

4. São do uso de Barros, seculo XVI, os adverbios: *ás cegas*, *ás escuras*, *ás rebatinhas*, *ás vessas*. (2)

São, na maioria, adverbios novos as locuções e equivalentes adverbias: *ás caladas*, *ás apalpadelas*, *ás sabendas*, *ás tontas*, etc.

Este typo adverbial offerece um repositorio de exemplos da flexão *s* do plural, occorrente nas particulas: *ante-s*, *sammica-s*, etc., e cuja explicação parece difficil, conforme já o notamos.

5. São adverbios formados na lingua os que derivam segundo o latim de locuções analyticas: *agora* (*hac+hora*), *hontem* (*hanc+noctem*, ou *ad noctem*, no esp. *anoche*) (3), *embora* (em boa hora=*in bona hora*), *assaz* (*ad+satis*), *talvez* (*tal-vez*, *tali-vici*), *jámais* (*já-mais*, *jam-magis*), etc. Estes adverbios não existiam no latim, mas eram mais ou menos communs aos romances medievaes; assim, muitos d'elles existem simultaneamente no francez, no italiano e no espanhol. A lingua antiga era mais rica e tinha um numero consideravel d'estes adverbios: *acajuso*, *asuso*, *julavento*, *cramá* (hora má), *hogano* (hoc-anno), *cadano* (cada anno, *cata anno*), etc. Muitos d'estes ainda existem no dialecto gallego.

A fórma *quicá* é provavelmente a italiana *chi sa?*, quem sabe? (ou talvez do lat. *qui sapit?*, como quer J. J. Nunes). O adverbio *como* (*quomodo*), influenciado por *quom*, tinha a fórma *cume*.

6. Muitas das *preposições* representam o typo anteriormente citado; são palavras novas compostas desde o periodo

(1) O etymo de *acinte*, *sciente*, offerece muitas duvidas.

(2) *Mem. de litt. da Academia portugueza*, III, 113. E as notas 65, 70, 72, 73 na minha *Selecta Classica*.

(3) Etymologias propostas: *ante*, *ante noctem*, *ad noctem*, *nocte*, *hodie ante*. O etymo *ad noctem* parece ser o mais plausivel.

antigo da lingua sobre elementos latinos: dentro (*de+intro*), após (*ad+post*), depois (*de+post*), desde (*de+ex+de*), avante (*ab+ante*), diante (*de+ab+ante*), adiante (*a+de+ab+ante*), etc.

Estas composições foram naturalmente morosas e em parte deviam ser iniciadas pelo latim barbaro, desde que se manifestou a tendencia analytica, creada pela desappareição dos casos.

7. As *conjuncções* formadas por locuções são todas novas: *porque*, *supposto que*, *contanto que*, *por consequencia*, *todavia* (*tota vice*), *por isso*, *senão* (*si non=nisi*), *outrosim*, etc.

Nota-se a preeminencia da idéa na creação d'estes vocabulos. O latino *vel*, de *velle*, querer, transformou-se no equivalente de outra origem: *quer*.

Si non substituiu *ni si*, de radicaes invertidos (*ni-nec+si*).

A fórma *porém*, antigo *porente* (*por+ende*), origina-se de *pro+inde*. *Logo*, de *loco*, em vez de *ergo* ou *igitur*.

8. As *interjeições* formadas de outras palavras, verbos, adjectivos, etc., representam creações novas da lingua: *caluda!* *safa!* *bravo!* *ak d'El-Rei!*, etc. (Vide *Sel. Class.*, nota 167.)

Caluda faz conjecturar a existencia de um verbo *caler*. A interjectiva *ak d'El-Rei!* parece conter o elemento imprecativo *ak*, que se encontra no celtico (*Zeuss*).

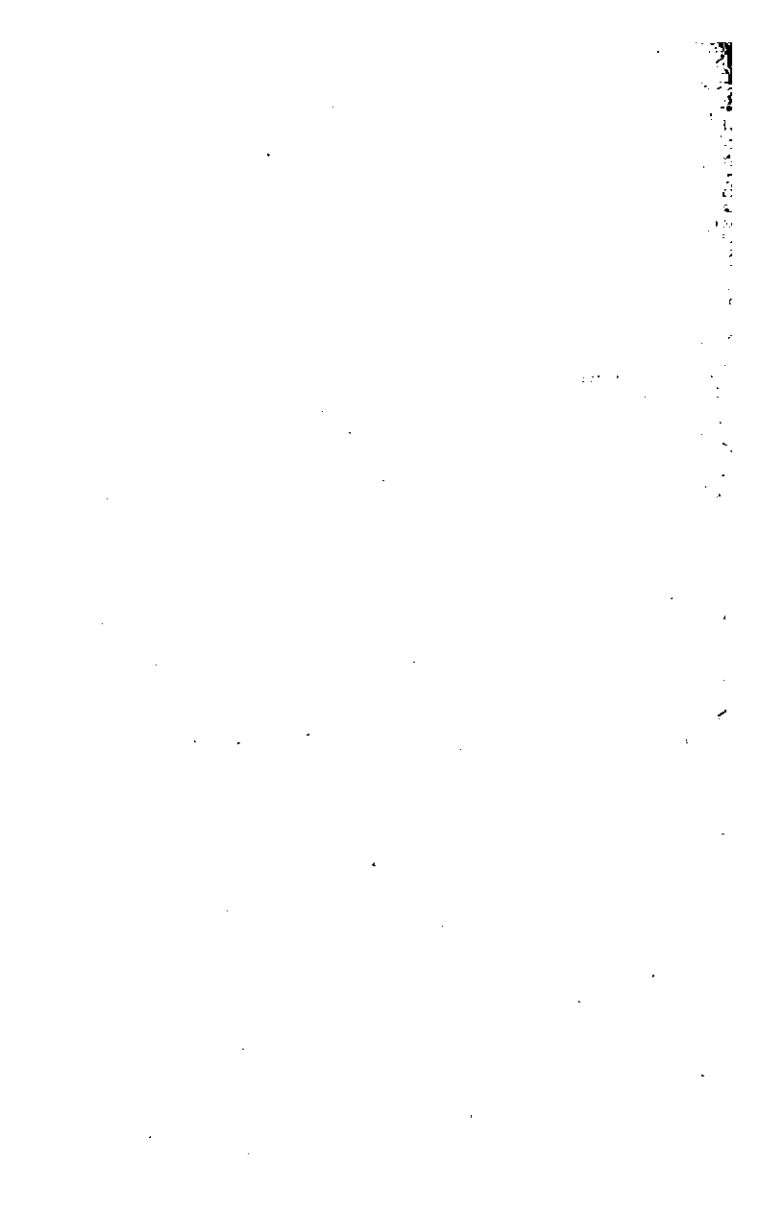
No portuguez antigo havia a preposição *guiza*, que tambem se ajuntava aos nomes (como em castelhano antigo: *lloraron muy fiera guiza*) com a mesma função de *mente*: *feramente*. A palavra *guiza* é germanica, e com essa função conservou-se no inglez (*otherwise*) e no allemão (*gleicherweise*), ainda que com alguma differença de sentido.



ETYMOLOGIA



(ORIGENS, HISTORIA E DERIVAÇÃO)



ETYMOLOGIA

I

Etymologia portugueza; principios em que se baseia a etymologia

Etymologia é o estudo que consiste em determinar a significação e a fôrma primitiva dos vocabulos.

Pela *etymologia* sabemos que a palavra *ignobil* veio da fôrma primitiva *ignobilis*, do latim. Sabemos ainda que o sentido primitivo de *ignobilis* foi "obscuro, desconhecido", por isso que se compõe de *in*, prefixo negativo, e do termo *nobilis* (de *gnoscere*, conhecer).

A palavra *etymologia* vem de *etymos* (verdadeiro) e *logos* (discurso). Cicero traduziu-a litteralmente com a palavra *veriloquium*.

A etymologia até o seculo XVIII foi sciencia impossivel; um mixto de discordancias e de inverosimeis hypotheses. Em geral, pouco se attendia á historia da lingua, e dava-se excessiva importancia ás *onomatopéas* ou a palavras de formação imitativa, como *ulular*, *trovejar*, etc. Uma das antigas theorias mais extravagantes era a que dava valor *onomatopáico* a cada letra, e estabelecia que o *l* exprime fluidez; o *r*, aspereza, etc. Eram estes os principios sobre os quaes se baseava a etymologia. Verifica-se que, entretanto, não merecem absoluto descredito.

Outros etymologistas davam exaggerada importancia ao sentido, de modo que derivavam, v. gr., *ter* do verbo *habere*, e explicavam arbitrariamente as transformações que *habere* deveria soffrer para apresentar a fôrma *ter*.

Sem principios scientificos e fixos, a etymologia nunca pôde constituir-se como sciencia positiva; por isso sempre foi tida á conta de pretexto para divagações eruditas e iuteis. Logo, porém, que se constituiu no seculo XIX a *grammatica*

das linguas européas, com Bopp, e das linguas neolatinas com Fred. Diez, o estudo da etymologia ganhou precisão e certeza nos seus resultados mais geraes.

A **Etymologia** de um vocabulo determina-se pela observancia dos dous principios geraes: a *filiação* e a *comparação*.

A *filiação* quer dizer a historia do vocabulo, a referencia e ligação da fórma actual para com a fórma primitiva, através das fórmas médias que expliquem a differença entre os dous termos extremos. O methodo historico comparativo, como se vê da denominação, consiste nesta investigação através do tempo (historia), e através do espaço e dos logares (comparação). Dentro de uma lingua ou de um grupo de linguas, o vocabulo primitivo vae-se alterando com as épocas e com os logares para onde emigra; determinada a *filiação* do vocabulo, procura-se o termo comparado ou de lingua congenere que o comprova; se este termo existe, pôde por sua fórma corrigir uma *filiação* erronea, que acaso se imaginára.

Mas, como a *filiação* abrange a historia do vocabulo e os principios que regulam a sua evolução material (phonologia), os principios da etymologia são precisamente tres: a *historia*, a *phonetica* e a *comparação*.

1. — A **historia** dos vocabulos consiste na averiguação das fórmas de transição que ligam o vocabulo primitivo ao vocabulo actual. (1) As phases mais notaveis na historia do vocabulo portuguez são representadas pelo latim barbaro e pelo portuguez antigo, que precederam a lingua vigente. Dest'arte, os nomes *fortaleza*, *arribar*, explicam-se pela fórma do latim barbaro *fortalitia*, *adripare*, etc. O adjectivo *coitado* explica-se pelo portuguez antigo, que o possuia, como participio de *coitar* (magoar). O latim *lazare* deu no portuguez antigo *leixar*; e no moderno, *deixar*.

Como se vê, todas essas fórmas *intermediarias* do latim barbaro e do portuguez antigo esclarecem a etymologia dos vocabulos.

(1) A historia da lingua é representada por quatro phases: 1.^a, a do latim; 2.^a, a do latim barbaro; 3.^a a dos *romances* ou linguas que succederam ao latim barbaro, como o portuguez antigo, o francez antigo, etc.; 4.^a, a da lingua moderna.

Esta evolução é commum ás linguas neo-latinas: o francez, o portuguez, o espanhol, o italiano, o provençal, o valachio, etc. e aos seus dialectos.

Como a palavra é dotada, não só de *fôrma*, mas de *sentido*, é preciso não esquecer que a *idêa* ou *sentido* também tem sua historia e suas phases intermedias. A palavra *rostrum* tinha o significado de *bico*. O numero de translações de sentido é infinito: *presbytero* (velho), *conde* (comes, companheiro, ajudante), *marchal* (do gathico, intendente da cavallariça, etc.).

O estudo do *sentido* é o que se chama *Semantica*. E' um estudo particularmente difficil pela sua complexidade.

2. — As letras, os sons, não se transformam arbitrariamente, obedecem a principios certos e leis determinadas. O grupo latino *pl*, por exemplo, transformou-se em dadas condições em *ch*: *pluvia*, chuva; *planus*, chão; *plicare*, chegar.

A *phonetica* determina que a *accentuação* latina persiste nos vocabulos (*cabido*, *capitulum*); as permutas são feitas entre letras *homorganicas*, isto é, entre uma guttural e outra guttural, entre uma labial e outra labial, etc.; e, finalmente, a *phonetica* determina que as permutas se fazem no sentido do *menor esforço*, isto é, do surdo para o sonoro, do som forte para o som brando, da guttural forte para a guttural branda: (*cattus*, gato); da dental forte para a dental branda (*cito*, cedo); da labial forte para a labial branda: (*ripa*, riba), etc.

Seria a *phonetica* de extrema simplicidade, se sobre o elemento material dos sons não reconhecesse a preeminencia do espirito. Assim, contra a força material da degeneração e alteração *physiologica* do vocabulo, oppõem-se a força *psychologica* reconstructora da analogia. A analogia contraria as tendencias de alteração. Assim, o diphthongo *eu*, que ocorre nos vocabulos *teu*, *seu* (*tuus*, *suus*), é devido á analogia que o creou sobre o typo de *meu* (*meus*).

A literatura é também uma força opposta á degeneração *phonetica*: as fórmulas *segre*, *calonha*, da linha antiga, foram reconstruidas nos typos *seculos*, *calumnia*, mais proximos do latim.

Ha outras interferencias que se oppõem á acção *phonetica*, tal é o facto da influencia de uma lingua estrangeira. O *c forte* (=k) sempre se conservou na inicial: cantar, *cantare*; cousa, *causam*; no emtanto, vindos do francez, adoptamos termos em que *c forte* abrandou em *ch*: chapéo (*chapeau*, *cappellus*), chaminé (*cheminée*, *camminata*), *bacharel*, de *baccalarius*; *chambre*, de *camara*; *broche*, de *brocca*, etc.

A **comparação** é um methodo que consiste em notar a uniformidade ou dissimelhança de processos e de factos em certo grupo de linguas.

Para o portuguez os elementos naturaes de comparação são as linguas romanas: italiana, espanhola, franceza, etc. Como estas linguas têm origem commum, também têm processos communs. Por exemplo, todas conservam o accento latino: *pallidus* produziu no francez *pâle*; no italiano, *pâllido*; no portuguez, *párido*. *Anima* produziu no francez *âme*; no portuguez, *alma*; no italiano, *ánima*. Sendo, porém, todas estas linguas diferentes, também têm processos diferentes. O grupo *ct* latino é representado em portuguez por *it*: *noite* (*noctem*), *oito* (*octo*); e o mesmo grupo é representado por *ch* no espanhol: *noche*, *leche*, *ocho*; o mesmo grupo é representado por *tt* no italiano: *notte*, *otto*; o mesmo grupo é representado por *ui* no francez: *nuit*, *huit*.

A palavra *viagem* deriva do latim *viaticus*, que, pela quêda da vogal breve, transformou-se em *viat'cus*, *viatcus*. (1)

Se houvesse duvida do resultado obtido — *viagem* — por não conter o *t* da palavra primitiva, o esclarecimento poderia ser ministrado pela comparação de outras linguas. O provençal possui este vocabulo com a fôrma *viatge*, onde o *t* foi conservado. A **comparação** não se entende exclusivamente com a fôrma, mas também com a idéa ou sentido dos vocabulos. A **semantica** comparativa é difficillima, mas existem factos caracteristicos que affirmam a possibilidade d'esse estudo. Sabemos que os godos na idade média usavam fôrmas

(1) O grupo *te* transformou-se regularmente em *dg*, pois *t* dental forte transformou-se na branda *d*; e *c* guttural forte transformou-se em a guttural branda *g*, de sorte que o grupo *tc* torna-se no grupo *dg*; ora *dg* ou *dj* é a prosodia de *gê*: *selvadgem* ou *selvagem*. E' possivel que estas fôrmas em *agem* fossem tomadas do francez e do provençal.

Neste livro, fazemos sempre referencia ao **latim escripto** — mas já muitas das alterações aqui notadas, quasi todas, apparecem no **latim vulgar**, que deve ser objecto de estudo nas grammaticas historicas. São, pois, raras as referencias do **latim vulgar**, desconhecido ao geral dos que fazem o curso secundario ou de humanidades.

A **grammatica historica** de preferencia attenderá ao **latim vulgar** onde apparece por exemplo a desviação do accento antes de muta e liquida: *tonitrum*, *tenébras*, etc.

latinas, mas conservando no vocabulo a idéa germanica. Isto deu origem a sentidos novos, só explicaveis pela comparação. A ave que em portuguez se chama *carrica* ou *reizinha*, de rei, em francez é *roitelet*, diminutivo de *roi*; em latim, *regulus*, diminutivo de *rex*; em grego, *Basiliskos*, diminutivo de *Basileus* (rei). Os romanos, que tinham a cultura helle-nica, traduziam a idéa grega com as fórmulas latinas: *circumloquium* (periphraze); *coordinatio* (syntaxe); *translatio* (metaphora). Em portuguez, os factos não são raros. A nossa educação scientifica e litteraria é puramente bebida na litteratura franceza. D'ahi se têm originado as variações de sentidos de certos vocabulos: *brusco*, em portuguez significa *escuro*, *sombrio*; por gallicismo, damos a *brusco* o sentido de *violento*, *rapido*. Por gallicismo, damos a *comprehender* o sentido de *abranger*, a *contestar*, a accepção de *impugnar*, etc. Como observa Brachet, a comparação de sentidos muitas vezes elucida uma etymologia. A palavra *contrée* (região) deriva de *contra* (*contratum*, o que está em frente). Os godos formaram este vocabulo sêguindo a idéa germanica *gegend* (região), de *gegen* (contra). O fundo é germanico, mas a fórmula é latina.

O lexico portuguez constituiu-se, em geral, de vocabulos que obedecem aos principios da phonetica. Outras forças concorreram para a formação do lexico: a introdução de elementos estrangeiros, a formação erudita de muitos vocabulos e a derivação realizada no proprio seio da lingua.

a) a DERIVAÇÃO, como já vimos, realiza-se dentro do dominio da lingua por meio de *suffixações*.

b) as FORMAÇÕES ERUDITAS tambem se realizaram no seio da lingua, tendo por agentes os seus escriptores e sabios. As *formações eruditas* foram, em geral, tiradas do latim (*ignobil*, *contumacia*, etc.), ou do grego (*anthropologia*, *psychographia*, *telegrapho*, etc.).

c) OS ELEMENTOS ESTRANGEIROS representam os vocabulos introduzidos de diversas linguas, como o arabe, o germanico, o francez, etc.

II

Etymologia dos substantivos

Os substantivos constituem a maior riqueza dos lexicos. A difficuldade de determinar préviamente a etymologia do substantivo depende de que as outras categorias grammaticaes raras exemplos possuem de palavras estrangeiras primitivas. Entre os substantivos, porém, existem quasi todos os termos germanicós, arabes e estrangeiros que entraram para o idioma.

Todos os prónomes determinativos e particulas são latinos, excepto *oxalá!* Quasi todos os verbos primitivos são latinos; exceptuam-se alguns germanicos: *tirar, britar, brandir, chocar, singrar, ganhar, guardar, tocar* e poucos mais; alguns arabes: *matar*, etc., e ainda sujeitos a verificação.

A quasi totalidade dos vocabulos estrangeiros existe entre os substantivos.

Substantivos proprios — Os nomes de pessoas têm etymologia muito diversas. Em regra geral, porém, os christãos adoptaram os nomes de mártires romanos e gregos dos primeiros tempos da religião.

Nomes proprios hebraicos ou biblicos: *Manoel, José, João, Sara, Esther, Jeremias, David, Moysés, Anna, Maria, Juías, Pedro*, etc. Nomes gregos: *Eugenio, Euphrosina, Theodoro, Philippe* etc. Latinos: *Deodato, Deusdedit, Antonio, Mário*, etc. Com a invasão dos barbaros, foram adoptados nomes de origem germanica: *Luis, Carlos, Eduardo* ou *Duarte, Afonso, Clotilde, Elvira, Rodolpho, Adolpho*, etc.

Em todas as linguas os nomes proprios foram significativos e representavam anteriormente qualquer qualificação. E' o que se vê do grego: *Theodoro*, dádiva de Deus, e o latino *Adeodato*; *Eutychio*, feliz, e o latino *Felix*. Em Portuguez: *Boaventura, Branca, Clara*, são qualificativos evidentes. Os nomes proprios tambem têm fórmãs duplas: *Duarte* e *Eduardo*; *Luis* e *Ludovico*; *Adolpho* e *Ataulpho*; *Raul* e *Rodolpho*, como já vimos no logar proprio.

Alguns cognomes, hoje portuguezes, originaram-se de familias estrangeiras que emigraram para o reino; taes são os *Accioli*, que vieram de Florença e se estabeleceram na ilha da Madeira; os *Brandões*, que são de origem germanica, e que os nobiliarios dão como vindos de Inglaterra; os *Cavalcanti*, familia italiana; os *Espinola*, familia genoveza, emigradas as duas ultimas no seculo XVI, como consta dos nobiliarios portuguezes. Muito frequentes foram os appellidos tomados á flora e fauna: Carvalho, Oliveira, Mattos, Raposo, Lobo, Coelho, etc.

Patronymicos. — Derivam de origens diversas, porém immediatamente da fórma plural do ablativo: Paes (de *PeLAGIIS*); Antunes, de Antão. Os semitas formam os *patronymicos* analyticamente pela anteposição de *ben* (filho); Ben-jamin, Ben-alcanfôr.

Os bons escriptores latinos da idade média indicam á filiação, ora pelo genitivo em *i* (Gomes *Fernandi*), ás vezes pelo suffixo peninsular em *iz* (G. *Fernandiz*), outras vezes pelo genitivo latino (G. *Fernandici*), derivado do antecedente. — (*Carol. Michaëlis.*)

Appellativos. — Os nomes abstractos, em geral, derivam do latim: *virtude*, *vicio*, *avareza*, etc. Os nomes technicos de sciencias mathematicas e physicas, muitos são formados do grego ou de lá vieram: *polygono*, *geographia*, *geologia*, *thermometro*, *epiderme*, etc. Os nomes de arte e bellas artes, em grande parte, vieram das linguas modernas: notando-se que os termos de musica são na quasi totalidade italianos: *gualche*, *pastel*, *allegro*, *adagio*, *duetto*, etc.

III

Etymologia do artigo e determinativos

As etymologias do artigo, dos determinativos, dos indefinidos e pronomes encontram-se no elemento latino.

Os artigos dividem-se em *definito* e *indefinito*.

O artigo *indefinito* é o que junto ao nome não lhe determina a posição: *um homem*.

O artigo *definito* é o que determina a especie ou individuo. Exemplos:

Determinando a especie: *o homem é animal*.

Determinando o individuo: *o homem que vimos*.

Quanto á flexão, notemos que o artigo se agglutina com a preposição: *ao, do, pelo, no*. A contracção *a+a* dá o producto *á*, com um accento agudo. A contracção *a+o* produziu até o seculo XVII a fórma *ó*, hoje desusada na escripta, mas perceptível no falar do povo: *ó depois=ao depois*.

O artigo *definito* *o, a*, deriva do accusativo latino *illum, illam*:

dedit illam — deu-a

Convém notar que já no latim não existia a accentuação da primeira syllaba de *ille* (tal se vê em Plauto).

As fórmas antigas foram *lo, la*, que na lingua, por causa dos dialectos, perderam conjunctamente com *o, a*.

As fórmas *lo, la*, ainda se conservam nos dizeres: *alamar, ala-fem, vol-o digo, ama-o, disel-o, punil-o*.

A etymologia do artigo *illum* foi certo tempo combatida por alguns grammaticos portuguezes, que sustentam que o artigo portuguez se originou do artigo *ho* grego, e, por outros, que derivam *o, a*, de *hoc, hac*, etc. Não é admissivel a origem

grega. O grego pouco influe na lingua popular, e a pouca influencia que d'elle provém, nos veiu por intermedio do latim. Ora, o latim nunca adoptou o artigo grego. A etymologia *hoc, hac*, é inadmissivel tambem, por isso que não explica a quêda da terminação forte *c*, tão conservada em agora (*hac+hora*), etc. O *e* final, quando desaparece, é compensado pela nasalização ou accento: nem (*nec*), sim (*sic*), lá (*illac*). A etymologia de *hoc* é, além d'isto, contraria ás origens dos artigos das linguas romanas, italiano *lo*, francez *le*, espanhol *el, lo*, etc. A etymologia de *hoc*, finalmente, deriva o artigo, no singular, do ablativo (*hoc, hac*); e no plural do accusativo (*hos, has*). Os antigos escriptores portuguezes escreviam frequentemente *ho, ha*, mas sempre foi isso mero erro orthographico que adoptavam em todos os monosyllabos: *hum, he, hu* (ubi), etc.

O portuguez possui o artigo *el* existente na lingua: *el gaão*. Hoje a fórma *el* só é usada na expressão: *El-Rei*.

El origina-se do nominativo *ille*.

Tambem possui o portuguez o artigo arabe *al*, que vem prefixado a vocabulos d'essa lingua: *al-mocreve, al-cova*.

No portuguez o *al* arabe não tem função de artigo, é apenas elemento compositivo do vocabulo.

O artigo indefinito *um, uma, uns, umas*, deriva do latim:

Um — *unum*.

A troca de *n* em *m* (una-uma) é um vicio graphico que se generalizou, dando *m* como letra de terminação. O regular era, como foi, escrever *ũ, ùa*.

Possessivos. — Os possessivos vieram do latim:

Meu — *meum*.

Teu — *tuum*.

Seu — *suum*.

Por analogia da fórma *meu*, o mesmo diphthongo predominou nas outras pessoas: *teu, seu*; mas os femininos conservaram a fórma latina: *tua, sua*.

O feminino da primeira pessoa *minha* (antigo *mia* de *meam*) tomou a nasal da segunda syllaba por influencia do *m* inicial.

O mesmo succedeu nos vocabulos *mancha* (*mac'lam*), muito (*multum*).

As fórmãs do plural são:

Nosso — *nostrum*.

Vosso — *vostrum* (*vestrum*).

Onde o *st* foi por assimilação reduzido a *ss*. A fórmula *nostro* na antiga língua só se empregava na expressão: *nostro' Senhor*, com referencia a Deus.

No antigo portuguez existiam fórmãs contractas: *ma*, *sa*, *ta*, que precediam os nomes:

— *Sa* vida.

 Vida *sua*.

— *Ma* ventura

 Ventura *nia*, etc.

Demonstrativos. — Os demonstrativos têm as suas etymologias no latim:

Este — *iste*.

Esse — *ipse*.

Aquêlle — *ecce illum*.

 — *ecc' illum*.

E' razoavel e admissivel a fórmula *accu* por *eccu* composta de *atque*.

O portuguez tambem conserva as fórmãs neutras *isto* (antigo *esto*, de *istud*), *isso* (antigo *esso*, de *ipsum*), *aquillo* (antigo *aquello*, de *ecc'illud*). A lingua antiga possuia outras fórmãs que desappareceram. Taes foram: *aquesto* (*ecc'istum*), com a fórmula neutra *aquistô*. Ainda se lê em Bernardim Ribeiro:

E *n'aquistô* triste chorando...

Relativos. — São todos derivados do latim. Exemplos:

Que — *qui*.

Qual — *qualis*.

Cujo — *cujus*.

As fórmãs *quem* e a archaica *qui* foram, respectivamente, o accusativo e o dativo latino. Hoje, porém, *quem* pôde ser nominativo. O etymo de *quem* (*qui*) explica-se pela analogia de *alguem*, *ninguem*.

Os interrogativos *que?* *qual?* têm as mesmas etymologias dos relativos.

Indefinidos. — Os indefinidos têm suas origens no latim, no grego e no arabe.

Latinos:

Algum	— <i>aliqu'unum.</i>
Nenhum	— <i>nec-unum (nem-um).</i>
Outro	— <i>alterum.</i>
Certo	— <i>certum.</i>
Algo	— <i>aliquis.</i>
Alguem	— <i>aliquem</i> e <i>aliqu'unum.</i>
Ninguem	— <i>nec-quem.</i>
Al	— <i>aliud.</i>

Arabe: Fulano — *fólan.*

E, por analogia: *Sicrano, Beltrano.*

Grego: Cada — *kata.*

A fôrma grega *kata* foi usada no latim das biblias medievas (*kata matina*), e d'ahi vulgarizada nas linguas romanas.

A opinião de Diez, que a faz derivar de *quisque*, não é hoje sustentavel, depois de verificada a fôrma *kata* do latim medieval, occorrente em varias traducções latinas da Biblia.

Convém notar entre os *indefinidos* o archaismo *ren*, que desapareceu:

Disse-lhe *ren* (*aliquid*).

Ren deriva de *rem* (*res=cousa*).

Outros indefinidos são *homem* ou *um*, a que já nos referimos:

Deixar *homem* liberdade.

E o termo *gente*, usado no mesmo sentido:

Deixar a *gente de viver.*

IV

Pronomes

Os pronomes pessoais derivam-se do latim.

Eu — *ego*.
Tu — *tu*.
Elle — *ille*.

Variações..... {
me — *me*.
mim — *mihi*
te — *te*.
ti — *tibi*.
se — *se*.
si — *sibi*.
migo — *meum*.
tigo — *tecum*.
sigo — *secum*.

As formas do plural são:

Nós — *nos*.
Vós — *vos*.
Elles — *illi*.

Variações..... {
Nosco — *noscum* (lat. b.)
Vosco — *voscum* (lat. b.)
Os — *illos*.
As — *illas*.

As observações sobre as variantes pronominaes foram já exactadas sufficientemente na lição respectiva.
